

O bloco temático sobre Capoeira no Estágio Supervisionado: perspectivas de uma turma sobre uma manifestação cultural de tradição oral afro-brasileira

Comunicação

GTE 14 – Formação Docente em Música

Flavia Candusso
Universidade Federal da Bahia
flaviacandusso@gmail.com

Resumo: Os componentes de estágio supervisionado representam uma etapa muito importante para os cursos de Licenciatura em Música. Há uma ampla literatura que trata dos estágios de regência. Contudo, pouco se encontra sobre o estágio de observação, principalmente quando este é realizado fora do contexto escolar, como no caso deste texto, cujo objetivo foi discutir as perspectivas das(os) estudantes de uma turma de Estágio Supervisionado 1 referente ao bloco temático sobre a capoeira, enquanto uma manifestação cultural de tradição oral afro-brasileira. Do ponto de vista metodológico, os dados foram levantados a partir das respostas a um questionário online com perguntas abertas e fechadas. Os resultados, de um lado, confirmam que a turma tinha um conhecimento muito superficial sobre a capoeira, apesar de ser uma manifestação muito presente na cidade de Salvador (BA); do outro, destacam a relevância desta experiência pelo fato de proporcionar conhecimentos sobre parte da cultura e história de uma manifestação cultural afro-brasileira, até então desconhecida pela turma, mas determinante para a construção de uma identidade cultural. A riqueza histórica, filosófica, cultural, metodológica, musical e pedagógica da capoeira, bem como seus valores humanos como o respeito, foram os aspectos mais destacados pela turma.

Palavras-chave: Estágio supervisionado de observação, Capoeira, Música de tradição oral afro-brasileira.

Introdução

Os componentes de Estágio Supervisionado dos cursos de Licenciatura em Música representam uma etapa de extrema importância na formação inicial de professoras(es) de música. Geralmente, são distribuídos ao longo de quatro semestres e realizados na segunda metade do curso. No caso do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal da Bahia, os primeiros dois períodos estão voltados para o estágio de observação e os últimos dois para o estágio de regência, perfazendo uma carga horária total de 420 horas. Os estágios

de observação são realizados, no primeiro semestre, em contextos extra-escolares, enquanto no segundo semestre, em escolas públicas de educação básica.

Várias(os) autoras(es) do campo da educação como Pimenta e Lima (2007), Lüdke (2009; 2013); Gatti (2013/14), se dedicaram a investigar esta temática, principalmente na etapa da regência de classe, ou seja, quando as(os) estudantes vivenciam em primeira pessoa a realidade multifacetada da sala de aula e da escola com todas as suas implicações. Já na área de educação musical autoras(es) como Teresa Mateiro (2004), Cláudia Bellochio e Viviane Beineke (2007), Melita Bona (2013), Marcus Pereira (2022) e Nair Pires (2023) pesquisaram sobre os diversos aspectos dessa etapa da formação inicial. Apesar disso, poucas publicações se dedicam a discutir o estágio de observação e menos ainda quando este não é realizado em âmbito escolar, como é o caso deste texto, que tem como contexto a capoeira, enquanto uma manifestação de tradição oral afro-brasileira.

Estudar as dimensões que caracterizam as tradições musicais orais afro-brasileiras a partir do diálogo entre a literatura e as vivências em campo com grupos de capoeira parceiros, foi o formato que encontrei para ministrar este componente. Diante de currículos ainda fortemente eurocentrados, é importante que as(os) estudantes tenham contato com outras realidades musicais, para que possam compreender outras concepções de música com suas formas de ensino e aprendizagem, caracterizadas por espaços/tempos muito distintos do modelo escolar ocidental, com o qual estamos familiarizadas(os). Estudar e vivenciar esses aspectos representa uma oportunidade para valorizar saberes e fazeres que o racismo desde sempre fez questão de silenciar, tendo como resultado a ausência destas tradições tanto nos currículos escolares como dos cursos universitários; traz conhecimento como forma de combater situações de preconceito, discriminação e racismo (epistêmico, religioso, cultural) e branquitude na escola (Candusso; Santos, 2023). Também se conecta com as Leis 10.639/03 e 11.645/08, contribuindo para que as tradições afro-brasileiras e indígenas passem a ser tratadas de forma consistente, respeitosa, sem folclorizações e/ou distorções na formação inicial de professoras(es) (Candusso, 2017).

O objetivo deste trabalho, portanto, é discutir as perspectivas das(os) estudantes de uma turma de Estágio Supervisionado 1 referente ao bloco temático sobre a capoeira, enquanto uma manifestação cultural de tradição oral afro-brasileira.

As contribuições da capoeira para a educação musical

A capoeira, um jogo/luta/dança, que tem suas origens ligadas às pessoas negras escravizadas e trazidas para o Brasil no séc. XVII, é uma das manifestações culturais afro-brasileiras, expressão de resistência e luta contra os colonizadores. Pedro Abib afirma que a capoeira “sempre foi decolonial, desde o seu surgimento” (Abib, 2019, p. 13) e “sempre buscou a afirmação do modo africano de ser e estar no mundo, sempre reivindicou seu estatuto ontológico, sua condição de humanidade diante da terrível perseguição que sofreu outrora” (Abib, 2019, p. 14-15).

Seus princípios filosófico-epistemológicos podem ser interpretados pelo prisma dos valores civilizatórios afro-brasileiros¹ como a ancestralidade, circularidade, oralidade, memória, religiosidade, energia vital (axé) e comunitarismo, que se expressam através da musicalidade, corporalidade e da ludicidade, conforme discuti na minha tese de doutorado (Candusso, 2009). Sua relação com a música deve ser entendida pela perspectiva das artes musicais (Nzewi, 2003, p. 13), pois a música está intrinsecamente interligada à outras linguagens artísticas como a dança, teatro, poesia, indumentária e adereços. Souza, Santos e Santos (2021) também refletem sobre o entrelaçamento de dimensões características da capoeira quando observam que,

Em seu fazer orgânico, os elementos tocar-dançar-cantar anunciam de antemão a dimensão complexa e horizontal em que se dá o diálogo de saberes entre as instâncias musicais e gestuais coreográficas. Quem toca, canta, quem canta, dança, quem dança, joga. Estes elementos atuam enquanto base epistêmica produzindo pluralidades corporais e sonoras fundadas em diálogos dinâmicos. (Souza; Santos; Santos, 2021, p. 5-6)

Muitos grupos de capoeira², principalmente de capoeira angola, dividem sua rotina semanal entre as aulas de “ritmo” ou “musicalidade”³, de “movimento”⁴, e as rodas, nas quais

¹ Os valores civilizatórios afro-brasileiros foram elaborados por Azoilda Trindade para o Projeto A cor da Cultura em 2006, para o qual foram publicados cinco cadernos entre 2006 e 2010.

² A capoeira pode ser dividida em três grandes grupos: capoeira angola, capoeira regional e capoeira contemporânea. Ver o Dossiê IPHAN sobre Roda de Capoeira e Ofício dos Mestre de Capoeira, 2014

³ Nas aulas de ritmo ou musicalidade, as pessoas aprendem a tocar os instrumentos da bateria, o repertório e a improvisar tanto com as letras como na música.

⁴ As aulas de movimento correspondem ao treino, no qual são aprendidos os movimentos, sequências de movimentos necessários para entrar em uma roda de capoeira.

as(os) participantes se reúnem para jogar e colocar em prática tudo aquilo que aprenderam. Na roda, o grupo se divide entre as pessoas que tocam os instrumentos da “bateria”⁵ e as pessoas sentadas em semicírculo no chão, aguardando o momento de jogar em dupla. Todas(os) participam cantando e batendo palmas sob a liderança de um(a) mestre(a) ou alguma pessoa experiente.

Do ponto de vista musical, o ritual da roda de capoeira angola (Candusso, 2009, p. 90-93) começa com a *ladainha* e seu icônico “iêeeee”, um canto, quase lamento entoado pelo(a) mestre(a), ao som do berimbau gunga, no qual são evocados momentos históricos e são passados os fundamentos filosóficos da capoeira. Ninguém joga neste momento. O canto segue para a *chula* ou *louvação* em forma de pergunta e resposta entre o(a) mestre(a) e os presentes, na parte final da qual, em geral, são reverenciados os velhos mestres. Finalizada esta parte, o(a) mestre(a) puxa os *corridos*, sempre em forma de pergunta e resposta, e o jogo das duplas começa. Ponso e Araújo (2016, p. 64) ressaltam que

A capoeira traz consigo inúmeros saberes musicais que não estão somente nos instrumentos, mas também nas cantigas e na própria corporeidade do jogo. Na roda de capoeira canta-se o tempo todo. Pandeiros, atabaque e berimbaus marcam o ritmo da ginga.

O jogo na roda representa a metáfora da vida. Na tese (2009), entre muitos aspectos discuto sobre a pequena roda e a grande roda, destacando que,

A pequena roda se realiza na roda de capoeira, através do jogo/luta. A grande roda se refere à vida, onde as regras que permeiam o jogo são transpostas para o mundo em geral, para o cotidiano. Pode, de certa forma, ser entendida como um guia, um código ético que ensina a lidar com as situações da vida. Então, os princípios da defesa, do ataque e da ginga se tornam princípios norteadores no cotidiano para que uma pessoa não venha a ser “derrubada” pelas adversidades da vida (Candusso, 2009, p. 165).

De forma geral, a capoeira pode nos ensinar muito a partir do próprio conceito de roda e de circularidade de saberes junto aos outros valores civilizatórios afro-brasileiros ensinados e praticados pelos seus membros. Mostra o potencial da heterogeneidade em termos da convivência entre diferentes faixas etárias e níveis de saberes, aspecto este visto sempre como problema dentro de uma vertente eurocentrada; da interação constante entre mestres(as) e

⁵ Fazem parte da bateria da capoeira angola os seguintes instrumentos: o trio de berimbaus (gunga ou berraboi, médio e viola com caxixi), pandeiro, atabaque, agogô e reco-reco.

aprendizes; das questões de gênero, pois houve uma grande adesão de mulheres à capoeira, embora o número de mestras ainda continue limitado; da inclusão de pessoas com deficiência; e, de redes presenciais e virtuais que se formam, que levaram a capoeira para todos os continentes.

Os processos de ensino e aprendizagem musical geralmente se dão por meio da comunicação não-verbal, estão centrados na observação, imitação e repetição, e no aprender-fazendo (Candusso, 2009). Embora o conhecimento seja transmitido pelos(as) mestres(as), que representam os(as) guardiões(ãs) da memória, é importante lembrar que a própria roda propicia a circulação de saberes a partir da convivência e interação entre as pessoas. O respeito ao ritmo de aprendizagem de cada um(a), com suas habilidades e motivações é outro aspecto importante a ser destacado. Abib ressalta que,

Compreender a capoeira como importante instrumento de educação implica adotar a postura questionadora e desafiadora que caracteriza um processo pedagógico, baseado numa educação libertadora e decolonial. Nesse sentido, a capoeira sempre foi uma contestação ao estabelecido. (Abib, 2019, p. 15)

O bloco temático sobre capoeira no Estágio de Observação

Ao longo do primeiro semestre de 2024, as atividades foram divididas entre as aulas presenciais e as observações/vivências em campo. Nas aulas, foram discutidos textos em combinação com documentários ou vídeos, proporcionado assim um diálogo entre a perspectiva de pesquisadoras(es) e as vozes das(os) próprias(os) mestras(es), que são as principais referências desta manifestação cultural.

As observações e vivências em campo foram realizadas durante seis semanas tendo como parceiros cinco grupos de capoeira⁶, três dos quais de capoeira angola e dois de capoeira regional. Após cada visita, as(os) estudante redigiram um relato reflexivo. Para que cada um(a) pudesse despertar melhor sua atenção e percepção, passei um guia de observação, que foi entregue e discutido no começo do semestre. A sequência dos relatos semanais, precedidos

⁶ Os cinco grupos de Capoeira que colaboraram foram: o Instituto Nzinga de Capoeira Angola, Grupo Tupinambá de Capoeira Angola, Instituto de Capoeira Angola Alagbedê, Fundação Mestre Bimba e Espaço Veru Filho

pela apresentação da instituição e finalizados com uma avaliação da experiência, constituiu uma parte do relatório final.

Para a escrita deste texto, elaborei um questionário online, com perguntas abertas e fechadas, para que a turma expressasse de forma mais pontual suas perspectivas sobre o bloco temático e sua compreensão quanto às possíveis contribuições da capoeira, como exemplo de uma manifestação afrobrasileira de tradição oral, em um curso de Licenciatura em Música.

Perspectivas da turma referente ao bloco temático sobre a capoeira

Os dados apresentados nesta parte do texto dizem respeito às respostas da turma composta por onze estudantes, das(os) quais três mulheres e oito homens, cinco pessoas autodeclaradas pretas, três pardas e três brancas, sendo que dez pessoas responderam ao questionário. Para preservar a identidade das(os) estudantes, utilizei nomes fictícios.

O primeiro bloco de perguntas investigou os conhecimentos prévios sobre capoeira, para o qual somente três sinalizaram que tiveram um breve contato quando crianças, mas apenas um treinou por cerca de dez anos. Embora esta manifestação seja muito presente na cidade de Salvador, grande parte da turma revelou ter apenas noções muito superficiais a respeito. Moisés confessou que *"conhecia pouco, considerando que sou de Salvador"*, frisando na sua cidade de origem como forma de reconhecer que, enquanto soteropolitano, deveria ser mais conhecedor do assunto, já que capoeiristas do mundo inteiro consideram Salvador "a Meca" da capoeira. Alexandre contou: *"eu sabia só o que costumo ver nas ruas, na mídia. Conhecia superficialmente, apenas como dança/esporte, patrimônio cultural"*. José e Alice foram mais específicos e descreveram seus conhecimentos mais em detalhes, ou seja, de um lado, os aspectos ligados ao movimento como *"gingados, golpes rasteiros, golpes aéreos"*; do outro, aspectos ligados à música e à roda, como *"cantigas, conhecia a ginga, mas não conhecia como acontecia realmente o jogo"*. No que diz respeito à parte musical, três estudantes constataram que não tinham nenhuma familiaridade com a música de capoeira, outros três tinham pouca familiaridade e quatro bastante familiaridade. Todas as pessoas afirmaram que gostaram muito desta vivência e de ver mais de perto como funcionam as atividades dos grupos de capoeira que acompanharam.

A turma foi unânime quanto à relevância do estudo das tradições culturais afro-brasileiras no currículo do curso de Licenciatura. Nas respostas, o aspecto central foi: “*é a nossa história*”. Embora a pergunta buscasse compreender o quê a turma pensava sobre as tradições culturais afro-brasileiras de forma geral, alguns estudantes fizeram menção à capoeira provavelmente por conta das aulas e das leituras. Boa parte da turma destacou que o estudo da história da capoeira, por exemplo, reforça a identidade cultural. Além disso, a valorização da diversidade cultural enriquece a própria formação. Érica ressaltou que é importante conhecer a cultura do local onde ela nasceu e mora, e que: “*Aprender mais sobre a minha origem através do estudo da capoeira ou de outro meio de conhecimento, é vital para ter propriedade da cultura do meu povo*”. Passando de uma dimensão mais local para uma dimensão nacional, Mário evidenciou que

As tradições afro-brasileiras são parte significativa da história da população brasileira, sendo fundamental seu estudo como forma de saber mais sobre o povo brasileiro. É um trabalho de respeito, autoconhecimento e descobertas de sabedorias outrora tidas como irrelevantes na academia.

Ponso e Araújo (2016) compactuam com estas considerações e reforçam afirmando que

(...) valorizar a cultura popular brasileira é criar uma via de acesso ao conhecimento de nossa própria formação social e cultural. É uma possibilidade comprometida com a transformação da escola em espaço democrático, diverso, de livre circulação de ideias e de construção de saberes (Ponso; Araújo, 2016, p. 17).

Mônica, por outro lado, constatou que é uma “*história de dor*”, provavelmente se referindo à história da colonização, principalmente ao período escravocrata, no qual a capoeira começa a se constituir como caminho de luta e resistência contra a opressão colonial. Apenas Alice levantou um aspecto crítico, bastante discutido nas aulas, que diz respeito aos aspectos eurocentrados, que ainda dominam os currículos dos cursos de música. Ela questionou que “*a maioria do ensino que temos é europeu, são culturas distantes, que foram implantadas na base da força, enquanto temos coisas riquíssimas aqui dentro*”.

Na pergunta seguinte, procurei saber se a turma considerava relevante o estudo da capoeira (aqui mencionada explicitamente), enquanto filosofia/metodologia de tradição oral

afro-brasileira, no curso de Licenciatura. Sete estudantes responderam positivamente e três pontuaram opiniões divergentes. Os sete ressaltaram questões inerentes ao fato de que “a capoeira engloba aspectos culturais, históricos e sociais” e como forma de construção de uma identidade cultural. Segundo Humberto, a capoeira

é uma tradição que reúne muitas outras tradições mesmo. Está ligada à religiosidade, está ligada à música, é um exercício físico. É uma forma de pensar a vida, de conduzir a vida. Então, por esta quantidade de assuntos que é importante de ser estudada. A raiz das músicas que vem do samba de roda, a capoeira tem uma ligação com o samba de roda. O final (de uma roda) termina com samba. Tem a tradição da religiosidade. Então, são muitas culturas em uma cultura só. É muita riqueza pra gente não aproveitar.

Foi evidenciada a conexão da música com o corpo/movimento, bem como com a ancestralidade, valores civilizatórios que demarcam os principais diferenciais com os modelos ocidentais. Rodrigo relacionou a capoeira com a Lei 10.639/2003, enfatizando que

É uma obrigação sabermos um pouco sobre nossa ancestralidade, e origem, como pessoa e cidadão, porque assim a nossa história se perpetua e não será esquecida e/ou apagada. E, devido à Lei n. 10.639 que torna obrigatório ensinarmos sobre essa temática, nada melhor como conhecermos da fonte, para ter uma experiência e pudermos preparar uma aula sobre a capoeira, que já vivenciamos (Humberto).

Já outros estudantes apontaram questões ligadas ao estudo de outras metodologias da educação musical, além daquelas mais convencionais tratadas no curso de Licenciatura. Mário, que é quem mais teve experiência com a capoeira, destacou que “é um fenômeno do qual se podem observar relações pedagógicas e musicais únicas, que podem servir como referência para complementar os métodos de ensino musical já consolidados na grade curricular”.

Entre as três opiniões divergentes, Alexandre sinalizou que o estudo da capoeira faz sentido enquanto metodologia, mas com algumas ressalvas. Segundo ele, “estudar a capoeira como um todo, os grupos específicos já o fazem, quem se sente interessado a conhecer mais, pode frequentar os grupos de capoeira, mas quem entra num curso de licenciatura em música não necessariamente se interessa em praticar a capoeira”, sendo que a proposta deste bloco não era ensinar ou praticar capoeira, já que não sou capoeirista, mas mergulhar em uma das tradições afro-brasileiras mais importantes, e refletir sobre sua história, filosofia, suas formas de transmissão musical. André, por sua vez, sugeriu que isso deveria ser feito em uma

disciplina separada, mais voltada aos aspectos históricos. É interessante observar como duas perguntas bastante parecidas se desdobraram em respostas divergentes, mesmo partindo de uma unanimidade (“é a nossa história”).

Você acha que a capoeira pode ser uma ferramenta importante na hora de dar aula? Com esta pergunta quis compreender se e como a turma tinha conseguido fazer conexões com o ensino de música e a sala de aula, principalmente pensando na população estudantil, em sua maioria negra, que frequenta as escolas públicas localizadas nas periferias da cidade e traz em seus corpos a capoeira e a música percussiva. Boa parte das respostas foram positivas, embora três marcaram as seguintes opções: “não sei ainda como”, “talvez” e “não”, fato este compreensível pela falta de familiaridade com a capoeira, sinalizada no começo do questionário.

Segundo Rodrigo, *“dentro da capoeira, temos uma filosofia, metodologia, arte, malícia, música, dança. Dentro desta luta, temos uma gama de informações que podem ser usadas dentro e fora da sala de aula”*. Humberto também destacou os aspectos culturais, constatando que

é interessante sim, mas penso que também é interessante se vc estiver abordando um determinado aspecto, um determinado assunto, um determinado universo cultural. Como a gente é brasileiro e deve sempre entender a nossa cultura, os nossos aspectos, então, a capoeira é importante pra isso, pra trazer os valores culturais da gente.

Focando na diversidade, Moisés afirmou que *“A capoeira oferece uma maneira de valorizar a cultura afro-brasileira, que pode auxiliar os alunos a compreender e respeitar a diversidade cultural”*. Alexandre achou

importante perceber os diversos modelos de ensino, liderança, mas não diria que a capoeira como um todo, mas apenas métodos ou posturas de liderança que ajudem na construção do ser professor, assim como outros conhecimentos de relações interpessoais e comunicação que podem completar o profissional da área. A importância de uma ferramenta está em quem sabe usá-la de forma correta, no momento certo no contexto certo. Essa percepção varia de pessoas para pessoas.

Na mesma linha de pensamento, Mônica também expressou: *“eu não sei se caberia para todos os públicos. Mas pode ser uma ferramenta. Na minha opinião o fazer aula de capoeira nasce de um querer e não de um ter que fazer por ser uma aula. Entretanto usar*

elementos, a filosofia, acho interessante". De fato, diante do breve mergulho em uma realidade cultural quase desconhecida, o importante foi que cada um(a) realizasse suas conexões, muitas das quais inerentes aos valores civilizatórios afro-brasileiros.

Sobre o que a turma aprendeu nas aulas e nas visitas ao longo deste bloco temático, as respostas destacaram com muita força a questão da riqueza cultural e pedagógica, de valores humanos como o respeito, bem como aspectos metodológicos, musicais, históricos e filosóficos. Considerando que alguns mestres convidaram as(os) estudantes a participar do treino, elas(es) puderam sentir na pele e no corpo como se aprende na prática. Érica enfatizou que ela pôde *"perceber que é algo muito mais além do que imaginava, traz a disciplina, conhecimento, sabedoria e respeito ao próximo, foco nos objetivos e união"*. Rodrigo acrescentou que *"o que eu mais gostei foi entender a gama de coisas que é passada em um treino ou em uma roda de capoeira, que podemos levar para nossas vidas. E conhecer um pouco da história dos nossos antepassados através das canções, e que perpetuou na nossa nação"*.

Do ponto de vista metodológico, Alice achou inspirador que *"o ensino de 'oitiva', na capoeira eles não explicam os golpes de maneira detalhada, se faz a partir do que você presenciou naquele momento"*. O termo oitiva se embasa no artigo Pedro Abib (2006, p. 88-89), que foi discutido nas aulas, segundo o qual o autor entende que,

Naquele tempo, a capoeira se aprendia "de oitiva", ou seja, sem método ou pedagogia. A oitiva constitui-se como um claro exemplo de como se dá a transmissão através da oralidade na capoeira, baseada na experiência e na observação. A oitiva era um processo diversificado e culturalmente muito rico, segundo Abreu (1999). O processo, na maior parte das vezes, dava-se na própria roda, sem a interrupção do seu curso. O mestre geralmente pegava nas mãos do aluno para "dar uma volta" com ele, dar os primeiros passos (Abib, 2006, p. 88-89).

Mário complementou com outro aspecto importante que é a relação com o corpo. Segundo ele, *"Corpo, movimento, ritmo e atenção funcionando juntos fazem muito bem para o cérebro"*. Humberto descreveu com muita empolgação suas emoções ao presenciar uma roda de capoeira e destaca a potência da roda para a circulação dos saberes. *"Nas rodas, foi muito emocionante, eu fiquei quase que chorando, vendo a força da coisa. O formato de círculo é algo muito forte das culturas milenares e aí o círculo, a roda e a música, uma espécie de*

transe”. Este aspecto remete ao transe capoeirano, do qual Mestre Decânio falava ao analisar as modificações do estado de consciência durante a prática da capoeira (2002).

Junto aos aspectos metodológicos foram ressaltadas as questões musicais. Alice observou “a importância de tocar bem os instrumentos, porque são eles que dão vida às cantigas para acontecer as aulas, sem os instrumentos e as cantigas, a magia não acontece”. Acrescentando mais detalhes sobre a parte musical, Humberto enfatizou que ele “sabia que a capoeira se fazia em roda, que usava berimbau, atabaque, pandeiro, mas não sabia sobre os preceitos, sobre essa coisa multicultural da capoeira, de trazer tantas facetas assim das cultura misturada”. E continuou:

Uma coisa que me chamou atenção é quando não tem canto, é só a percussão. É um negócio muito diferente. A música é muito importante. O improviso nas músicas é muito importante. Vi isso também que saber improvisar e improvisar de acordo com que o mestre quer dizer. Eu vi isso acontecer. Muito bom!

No que diz respeito às questões filosóficas, que remetem ao conceito da pequena e da grande roda, Mônica evidenciou que “A capoeira é algo que se leva pra vida e sua ideia de que a vida é um jogo, e aquilo que acontece na roda é parecido com as jogadas da vida, o se esquivar, as rasteiras, os golpes e você tem que saber se defender para não “morrer”, conhecer o outro jogador, prever as jogadas”.

Considerações finais

Este texto buscou discutir as perspectivas das(os) estudantes de uma turma de Estágio Supervisionado referente ao bloco temático sobre capoeira, enquanto uma manifestação cultural de tradição oral afro-brasileira. É importante destacar que nunca tive a pretensão de ensinar ou treinar capoeira, já que não sou capoeirista. Além disso, seria impossível, considerando a magnitude de conhecimentos que constituem a capoeira, abordá-la com profundidade em menos de dois meses.

Considerando que como ponto de partida a grande maioria da turma conhecia a capoeira apenas por ter visto pessoas jogando na rua, mas não sabia como funcionava, não reconhecia seus valores, princípios, processos de ensino e aprendizagem, suas músicas, o bloco temático sobre capoeira foi considerado relevante. A turma entendeu que as

manifestações culturais de tradição oral representam a “nossa” cultura e precisam fazer parte da formação inicial.

As vivências em campo com grupos de capoeira parceiros foram importantes para que a turma percebesse e, às vezes, sentisse no corpo quão ricas são as manifestações de tradição oral, que existem ao nosso redor, mas que ainda não conseguiram o devido espaço nos cursos universitários. Mesmo assim, podem fornecer muitas respostas diante dos dilemas atuais da área, principalmente quando nos debruçamos sobre o ensino de música no contexto da escola de educação básica.

Nas aulas foram tensionados os conceitos de música, erudição, afinação, corpo, prática musical revisitados a partir da perspectiva das tradições orais. De um conceito tradicional de música passamos para o de artes musicais, mais adequado para compreender a complexidade de um todo que parte da música, mas que não pode existir sem corpo, dança, poética e seus aspectos simbólicos. Chamaram a atenção as formas de ensino e aprendizagem, nas quais pouco se fala, mas muito se aprende, onde a idade cronológica não corresponde à idade de conhecimento que faz com que uma pessoa adulta aprenda com uma criança pequena.

Contrastar com a “história única” (Adichie, 2017) do modelo de ensino e de estética musical ocidental foi uma forma de decolonizar o programa de estágio supervisionado de observação e traduzir na prática aquilo que eu entendo por formação culturalmente contextualizada (Candusso, 2016), ou seja, uma formação que prepare futuras(os) professoras(es) de música para melhor interagir e se comunicar musicalmente e culturalmente em sala de aula, especialmente com estudantes negras(os) e indígenas, oriundas(os) de contextos urbanos periféricos.

Referências

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. *Cadernos CEDES*, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006.

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Culturas populares, educação e descolonização. *Revista Educação em Questão*, Natal, vol. 57, n. 54, p. 1-20, 2019.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; BEINEKE, Viviane. A mobilização de conhecimentos práticos no Estágio Supervisionado: um estudo com estagiários de música da UFSM/RS e UDESC/SC. *Música Hodie*, vol. 7, n. 2, p. 73-88, 2007.

BONA, Melita. A formação do professor de música e o estágio. *Revista Nupeart*, vol. 11, 2013, p. 14-33.

CANDUSSO, Flavia. *Capoeira Angola, educação musical e valores civilizatórios afro-brasileiros*. 258f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Música - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

CANDUSSO, Flavia. Interactions and dialogues between university, school and community towards a contextualized music teacher education in Brazil. *Problems in Music Pedagogy*, vol. 15, n. 2, p. 19-25, 2016.

CANDUSSO, Flavia. As Leis 10.639/03 e 11.645/08, os estudantes do Curso de Licenciatura e os professores de música da rede: reflexões preliminares. *Anais da XI Conferência Regional Latino-Americana de Educação Musical da ISME*, Natal (RN), 2017.

CANDUSSO, Flavia; SANTOS, Valnei Souza. Entre consciência negra/indígena e privilégio branco: por uma educação musical antirracista que começa em nós. In: BEINEKE, Viviane (org.). *Educação musical: diálogos insurgentes*. São Paulo: Hucitec, 2023, p. 43-63.

DECÂNIO Filho, Angelo Augusto. *Transe capoeirano: Um estudo sobre a estrutura do ser humano e modificações de estado de consciência durante a prática da capoeira*. Salvador: CEPAC, 2002.

GATTI, Bernadete A formação inicial de professores para a Educação Básica: as Licenciaturas. *Revista USP*, n. 100, p. 33-46, 2013-14.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira*. Brasília: Iphan, 2014.

LÜDKE, Menga. Universidade, escola de educação básica e o problema do estágio na formação de professores. *Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente*, vol. 1, n. 1, p. 95-108, ago./dez. 2009.

LÜDKE, Menga. O Lugar do Estágio na Formação de Professores. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 4, n. 1, p. 111-133, jan./jun. 2013.

MATEIRO, Teresa; CARDOSO, Ana Paula. Os relatórios de estágio no âmbito da pesquisa, da prática de ensino e da formação dos professores de música. *Revista DAPesquisa - Revista de Investigação em Artes* - v.1, n.1, p. 1-13, ago/2003-jul/2004.

NZEWI, Meki. Acquiring knowledge of the musical arts in traditional society. In: HERBST, Anri, NZEWI, Meki e AGAWU, Kofi (eds.). *Musical arts in Africa: theory, practice and education*. Pretoria: University of South Africa, 2003. Pp. 13-37.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. Estágio Supervisionado em Música: decompondo a prática para tornar visível o conhecimento pedagógico. *InterMeio*, v. 28, n. 55, p. 66-93, 2022.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009

PIRES, Nair. Aprender a ensinar no estágio supervisionado: a profissionalidade docente como referência. *Revista da ABEM*, v. 31, n. 1, p. 1-23, 2023.

PONSO, Caroline Pao; ARAÚJO, Maíra Lopes de “Janaína”. Capoeira, música e educação: possibilidades pedagógicas no ensino básico. *Música na Educação Básica*, Londrina, v. 7, nº 7/8, p. 60-71, 2016.

SOUZA, Luan Sodré de; SANTOS, Marcos; SANTOS, Valnei Souza. Experiências educacionais africanas na diáspora e experiências afrodiaspóricas na educação: diálogo de saberes desde as práticas culturais. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, vol. 6, p. 1-20, 2021.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da. *Modos de brincar*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p. 11-15. (A cor da cultura; v.5).